



UNIVERSIDADE ESTADUAL DE FEIRA DE SANTANA

Autorizada pelo Decreto Federal nº 77.496 de 27/04/76
Recredenciamento pelo Decreto nº 17.228 de 25/11/2016



PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
COORDENAÇÃO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA

XXIV SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA DA UEFS SEMANA NACIONAL DE CIÊNCIA E TECNOLOGIA - 2020

O SOM DA MEMÓRIA: UM ESTUDO LEXICOGRÁFICO DO ROMANCE SETEMBRO NA FEIRA DE JAUREZ BAHIA, 1942-1986

Lorena Rezende da Conceição¹ Clóvis Frederico Ramaiana Moraes Oliveira²

1. Lorena Rezende da Conceição Graduada do curso de em Licenciatura em História e-mail: lorenarezende333@gmail.com
2. Clóvis Frederico Ramaiana Moraes Oliveira, Departamento de Ciências Humanas e Filosofia, email: clovisramaiana@gmail.com

PALAVRAS-CHAVE: Racismo, negritude, Feira de Santana.

INTRODUÇÃO

No seu livro “A invenção do cotidiano”, Michel de Certeau faz uma diferença entre lugar e espaço. Para o escritor francês, o primeiro seria a “ordem segundo a qual se distribuem elementos na relação de coexistência” (CERTEAU, 2003, p.201), assim o lugar seria um ponto de estabilidade, um construto que emana certo ordenamento. Seu polo oposto, espaço, ou o “lugar praticado” (Op. Cit. p. 202), se caracteriza pela pelas relações de disputas entre as personagens da história. Imaginando as cidade a partir das contribuições do autor, pensa-se nela como um equipamento planejado, com seus territórios delimitados pelas práticas políticas dos poderes, municipais e outros, cheio de cantos onde pode e não se pode e não se pode fazer as coisas. Interdições e permissividades que circulam em conflitos e disputas.

O inventário das disputas envolve relatos, práticas de viagem que instituem modelos de percepção das espacialidades; sugerem forma para coisas e lugares; interditam passagens, andanças, passeios. Imaginado a cidade a partir de Certeau, pode ser dito que seu planejamento pelos órgão de poder público a instituem enquanto um lugar, operando uma distribuição de ordenações, formais e não, que materializam os desejos dos homens da ordem sobre a terra urbana. O gesto ordenador, com tons de fundador, traria o desejo de fixar marcas, ruas, avenidas e praças, desejo que seria tornado substância em formatos, em práticas, em proibições. Na cidade modelar, as pessoas teriam comportamentos escolhidos pelos gestores, também lhes seria falado de outros, que seriam interditados. Os relatos fariam dos dois, ditos e interditos.

Na Feira de Santana do escritor Juarez Bahia, em especial aquela em que ele viveu parte de sua infância, por volta da década de 1940, existiam utopias urbanizadoras; ruas foram rasgadas e alinhadas para juntar as partes da cidade; modernas codificações foram instituídas, queriam ditar comportamentos, controlar corpos; carros velozes desfilavam cavalos escondidos e barulhentos. Relatos dessa urbe tateante, chamada de amanhecente” por um dos seus poetas, ganharam a memória, circularam pelos distantes sertões, atravessaram o limiar dos tempos: falavam que Feira era uma cidade de progresso. Os relatórios não ficavam apenas nas escolhidas palavras, indicavam objetos, equipamentos; coisas que tornavam material as historietas falantes do progressismo da terra de Santana.

Eni Orlandi gosta de lembrar que a cada palavra dita outra é silenciada (ORLANDI, 2007, p. 168), talvez fosse o caso de dizer, ainda com a mesma escritora, muitas outras são apagadas, não ditas, interdadas. O gesto narrador da grande pátria progressista do passado e a instituição do seu território enquanto lugar de avanço modernosos calou vozes, silenciou práticas humanas, apagou variadas formas de memoriamto. A escrita de “Setembro na Feira”, principal romance de Juarez Bahia (19930-1998), foi uma forma de deslindar as operações de silenciamento postas em marcha na construção da idealização de uma Feira grande, em especial a construção de lugares, pontos de conservação para muitas gentes. À lugarização organizada pelas práticas dominantes, Bahia procedeu uma espacialização, tornando públicas disputas que dorram silenciadas nos relatos da grande cidade, destacando sobretudo as personagens negras que circulavam pela cidade do poeta Aloísio Resende (1900-1941).

A lugarização da urbe tornara subterrânea a “outra” cidade, aquela das personagens negras e enegrecidas; das práticas culturais, principalmente as religiosas, que remetiam ao passado africano ou indígena; dos trabalhos vinculados à produção das pequenas comunidades negras que viviam em volta da urbe. O escritor negro operou uma arqueologia das povoação inviabilizadas pela ordenação e relato dominantes, buscou gentes esquecidas, renomeou bairros, visibilizou as redes de solidariedade das personagens pretas nas ruas cidadinas. Foi além, como que reconhecendo que os relatos são compostos a partir de palavras, ocupou-se de nomear a cidade enterrada, “o que é visto não é esquecido”, nomeação que parece ter como objetivo produzir um acervo linguístico da Feira de Santana preta, denunciando o racismo e abrindo possibilidades para se narrar a terra de Lucas da Feira sob a perspectivas de homens e mulheres descendentes de escravizados.

Nosso trabalho analisa a construção do acervo linguístico de Juarez Bahia, procura entender a produção dele como uma tentativa de laborar marcos imateriais da memória preta da cidade de Feira de Santana. Entendemos, como Le Goff, que as disputas em torno da memórias são cruciais para a construção de projetos culturais (LE GOFF, 1990, p. 423) ou mesmo para os deslindamento de instrumentos de dominação. Também entendemos que a procura por marcos imateriais é explicada pela destruição daqueles que seriam os materiais, pela a instituição de uma cidade desde o centro que foi jogada sobres as outras, das margens, apagando-as, tornando-as, como já dita, coisa subterrâneas. O palavreio das pessoas memoradas por Bahia é o instrumento para o mergulho em busca das terras escondidas pela ordenação do progresso.

MATERIAL E MÉTODOS OU METODOLOGIA (ou equivalente)

A metodologia tem três momentos: o primeiro é nimitativo, nele a pesquisa se debruça sobres as personagens negras narradas por Juarez Bahia, procura fazer ligações delas com pessoas que tiveram seu viver ao longo dos séculos XIX e XX, sobretudo aquelas que o próprio remete a sujeitos que habitaram as ruas da cidade. Sobre o segundo, aqui se busca práticas humanas que foram deslocadas do viver urbano, principalmente as que foram destituídas dos seus lugares a partir da produção da memória branca. O terceiro elemento é recuperar as marcas de oralidade do romance, destacando essa forma de narrativa como um instrumento de oposição à monumentalizada da cidade, como indica o próprio autor: “isso é a história escrita que fala, (...) a história falada é diferente” (BAHIA, 1986, p.127).

RESULTADOS E/OU DISCUSSÃO (ou Análise e discussão dos resultados)

Existe relativa fartura de personagens negros citados no romance, desde alguns com maior nomeada, como o escravizado fugitivo Lucas da Feira, até alguns pequenos donos de botequins da Queimadinha, passando por conjunto de sacerdotes e sacerdotisas de religiões pretas. Alguns personagens foram identificados pelo nome, outros por homofonia e mesmo outros pelas proximidades de apelidos, mas o que merece destaque é o elevado número deles, um forte indicativo de que o autor pretendia montar um mosaico de gentes que se notabilizaram por variadas atividades na outra cidade mas, mesmo assim, não mereceram a inscrição no panteão da “história escrita” de Feira de Santana. O panteão da periferia, ou das periferias, além de denunciar o racismo como componente importante da construção urbana, busca trazer os sons dos nomes de pessoas subalternizadas para a cena da falação sobre a história.

A lugarização tornou visível apenas práticas religiosas cristãs, enquanto as avançadas urbanizadoras, a perseguição policial, a construção de discursos médicos, como aponta Oliveira (2016, p. 79), tornava interditas as religiosidades pretas, reduzindo-as aos recantos mais escondidos da cidade, criminalizando sua prática pública. Algo semelhante com variadas formas de economia popular, principalmente os pequenos botecos de folha curada, os vendedores de produtos agrícolas ou fabricantes de material de construção. Juarez Bahia procurou, sob as construções sólidas da memória dominante, as coisas que melhor tornavam palpável as organizações negras de economia e fé. Buscou produzir imagens que desenhasssem, ao som da memória, as práticas humanas que fazia viver a outra cidade.

A reconstrução da memória e produção de laços imateriais tornou-se possível a partir da escolha literária de trazer marcos de oralidade, como a contração de algumas frases, o uso de ditados populares, o abuso de um dicionário com marcas da cidade sertaneja – expressões como “em cima da perna”, para negócios feitos muito rápido; “gaiteira”, para gente animada; “busílis”, para se referir ao centro de uma questão. A oralização da escrita foi uma forma de reconhecer um não reconhecimento, ou seja, o escritor negro apontava, com essa tática, que a construção e inscrição da urbe apagava a outra cidade, fizera mais ainda, erigira sobre os memoriais das práticas pretas um sólido construto com as marcas do desenvolvimentismo, deixando a dureza fria dos cimentos por cima de comunidades e das práticas comunitárias, de lembramentos e fazimentos. Enquanto isso, o passado materializado não trazia os vitimados pelo racismo, as palavras que relatavam a materialidade também não, era preciso ouvir as vozes dos tempos.

A forma de memorar a principal personagem negra da história de Feira de Santana, assim como os ataques à fé preta e os denunciamentos das economias populares, formas que o racismo encontrou para produzir uma memória sobre a outra cidade, trazem uma importante marca do racismo colonizador, pois passa o sujeito branco e a branquitude à condição de “decente”, “civilizado”, como aponta Grada Kilomba (2019, p.79). Bahia se apercebe desse movimento, procura fazer o enfrentamento através da narrativa de maneira que sujeitos não brancos encontraram para disputar a cena urbana, propondo outros territórios/lugares, construtos que faziam a partir de valores não monetizados, como a tradição, o respeito a personagens mais velhos, o valor da palavra. A narrativa do escritor preto tem uma sintaxe espacial, se propõem a fazer uma espacialidade não materializada, ancorada nas oralidades das gentes.

CONSIDERAÇÕES FINAIS (ou Conclusão)

Nossa pesquisa apontou que Juarez Bahia procurou inscrever uma memória das gentes pretas de Feira de Santana através do romance *Setembro na Feira*. O ponto de partida do escrito foi o reconhecimento de que a memória erigida pela urbanização do século XX, especialmente aquela acontecida em 1942 e 1986, excluiu os sujeitos pretos da cena cidadina, lavorou uma história que tornava as gentes negras o outro do experiência de se fazer a cidade. A escrituração da obra aproveitou-se dos materiais descartados pela urbanização, pessoas e práticas sociais consideradas inúteis pelos discursos autodenominados civilizados. *Setembro na Feira* é uma rescrita da história de uma cidade sertaneja, procura apontar as exclusões da escrituração anterior e vai além, esforça-se para desmontar os dispositivos que oportunizaram sua emissão como fala de autoridade, emissora de uma certa lugarização.

REFERÊNCIAS

- BAHIA, Juarez. *Setembro na Feira*. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira.
- CERTEAU, Michel de. *A invenção do cotidiano: Artes de fazer*. Tradução Ephraim Ferreira Alves. 9ª edição. Petrópolis: Vozes, 1994.
- LE GOFF, Jacques. *História e memória*. Tradução de Bernardo Leitão. Campinas: EdUnicam, 1990.
- KILOMBA, Grada. *Memórias da plantação: episódios do racismo cotidiano*. Tradução de Jess Oliveira. Rio de Janeiro: Cabogó, 2019.
- OLIVEIRA, Clóvis Ramaiana Moraes. *Canções da cidade amanhecendo: urbanização, memórias e silenciamentos em Feira de Santana*. Salvador: EdUFBA, 2016.